

Marcos Davi de Oliveira

A BÍBLIA E AS COTAS

Reflexões pastorais sobre ações afirmativas



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Neste livro sofri a influência de muitas pessoas queridas. Pessoas que me fizeram refletir, questionar e desconstruir até as minhas próprias concepções que, muitas vezes, estavam repletas de ideologias. Obviamente, a busca por justiça histórica sempre será confundida por posturas ideológicas. Mas, podemos nos abster delas quando conseguimos ver caminhos que levam à igualdade.

Agradeço aos meus amigos do grupo do discipulado Justiça e Reconciliação. Jovens negros e brancos que me ajudam a cada encontro a refletir sobre a realidade racial no Brasil. Gente que tem sensibilidade de perceber o quanto a igreja protestante pode ser um agente transformador na sociedade. Mas também pode ser mantenedora do status quo. Agradeço a cada um que participa voluntariamente deste programa que tem a busca da justiça sem deixar de objetivar a reconciliação racial. Que propõe a reconciliação entre brancos e negros sem enfraquecer na luta por justiça.

Agradeço aos meus filhos por serem quem são e por me fazerem sentir cada dia melhor por ter os filhos que tenho. E agradeço a Nilza Valeria, por sempre se importar.

Agradeço aos amigos que me ajudaram nas reflexões dando-me incentivo para escrever este texto que espero ser importante para o crescimento das análises da igreja evangélica no Brasil. Dentre eles Vilma Schatzer, Flavio Conrado, Clemir Fernandes, Eduardo Nunes e Ariovaldo Ramos que escreveu o prefácio desta obra.

Agradeço também a alguns mantenedores que acreditam em meu chamado junto às questões raciais no Brasil. Sou grato por ajudarem dando algumas colaborações e orando em vários momentos difíceis.

Sobretudo, agradeço ao Senhor de toda igualdade e justiça que manifesta em minha vida a Sua graça e misericórdia.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 13 |
| Prefácio | 17 |
| Introdução | 19 |
| 1. O que são as políticas de ações afirmativas? | 27 |
| 2. Ações afirmativas no mundo e no brasil: uma realidade | 33 |
| 3. Um pouco de história... | 39 |
| 4. Possibilidades bíblicas de implementação de políticas de ações afirmativas? | 53 |
| 5. Breve relato histórico: o juízo de deus diante da injustiça | 79 |
| 6. A igreja evangélica do brasil e as políticas de ações afirmativas | 95 |
| Conclusão | 109 |
| Bibliografia | 113 |

APRESENTAÇÃO

Você pode discordar. Você pode concordar. Você pode emendar. Você só não pode ser indiferente. Você não pode mudar de assunto. Marco Davi de Oliveira nos convida a não fugir, a não temer o debate. E isto não por motivos teóricos ou conceituais, mas por um dever cristão, o imperativo da justiça.

Alcançar justiça é a promessa para os que têm fome e sede dela. Para os que dela têm necessidade para viver. E justiça, não importa a definição que você use, não é o que cidadãos negros e negras vivem no Brasil.

O Brasil mata 30 mil jovens por ano, destes quase 80% eram negros, segundo dados do Mapa da Violência 2014. Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade (IVJ) 2014, as chances de um rapaz negro entre 12 e 29 anos ser assassinado no Brasil é 2,5 vezes maior em relação aos brancos. Entre 2002 e 2012, por exemplo, o número de homicídios de jovens brancos caiu 32,3%, enquanto o dos jovens negros aumentou 32,4%.

O sistema socioeducativo brasileiro possui 15.414 vagas para 18.378 internos. A maioria desses jovens são negros e pobres e tem como motivo de sua internação crimes de caráter não violento, como roubo.

As chances de um menino negro chegar ao final de um curso superior de “ponta” são quase as mesmas que um brasileiro morrer atingido por um raio. Mesmo que em condições semelhantes

(escolaridade própria, escolaridade dos pais, local e nascimento, renda da família, etc.), um trabalhador negro ainda ganha, em média, 82% do que ganha um branco. 93% dos médicos brasileiros são brancos. Na outra ponta da escolaridade, 76% dos trabalhadores domésticos são negros

Poderia listar aqui mais um cabedal de estatísticas. Mas não preciso. Basta olhar para o lado, basta revisar mentalmente as vezes que viu negros em posições de destaque, nos bancos das escolas de elite, etc. Não há como negar que ser negro no Brasil é largar de um ponto de desvantagem em relação aos brancos. Não há igualdade, exceto na letra da lei, exceto no ensino do Evangelho.

Os dados nos provam que o racismo, uma ação negativa, que promove injustiça, existe nas práticas sociais e institucionais, inclusive nas do Estado (visíveis principalmente, mas não só, nas ações da polícia e da justiça). Por que não deveria existir uma contramedida, uma ação afirmativa? Esta é a provocante pergunta que Marco Davi nos convida a responder à luz dos ensinamentos bíblicos.

As cotas podem ser uma aspirina diante de uma infecção generalizada do racismo. Mas, negar a infecção é negar que temos a responsabilidade de curá-la. Isto equivale a não se importar com a justiça. Isto equivale a não se seguir o modelo de Cristo. Isto é exatamente contrário ao que a Bíblia apresenta.

Como seres humanos que somos, tendemos a ver somente a injustiça da qual somos vítimas primárias. Revolta-nos, com razão, a insegurança, a corrupção, a descortesia, o carro estacionado na calçada em frente à nossa casa, o esgoto descartado nos rios etc. Também facilmente nos indignamos com as vítimas de uma guerra longínqua, com a maldade dos que escravizam crianças para guerra ou comentem toda sorte de violência em nome da religião ou de sua tribo. A injustiça que me atinge e a injustiça que atinge a quem está distante são mais facilmente percebidas.

Porém, como seres humanos que somos, tendemos a não nos ver como perpetradores da injustiça. A não nos percebermos

como parte do problema. O texto de Marco nos chama a olhar no espelho não para gerar desespero, mas para mudarmos. E faz um chamado a refletir como, nas palavras do próprio autor o “nosso racismo que não tem sido moral (só em alguns que não se comportam como seres humanos) também deixe de ser sistêmico”.

Genericamente chamamos isto de preconceito, mas sua forma se concretiza na injustiça. Combater o preconceito arraigado em nossa cultura, em nossa educação, em nossos valores é uma tarefa social de máxima importância. E uma tarefa cristã por excelência, já que o cristianismo foi a primeira linha na defesa da igualdade “em Cristo, não há diferenças”. A tarefa de superar o preconceito passa por etapas e por muitos processos. Dentre eles minimizar as injustiças, compensar os defeitos provocados pelo sistema.

Em um texto que coloca um olho na Bíblia outro no jornal, Marco Davi convida-nos a refletir sobre isto com a companhia da Palavra de Deus. Um convite irrecusável.

Aceite o convite, discorde, concorde ou emende. Só não finja que não é com você.

Eduardo Nunes

Diretor de Estratégia e Inovação da Visão Mundial,
escritório para América Latina e Caribe.
Professor da Universidade de São Paulo

PREFÁCIO

Quanto tempo leva para que um crime seja reparado? Talvez a pergunta seja: pode um crime ser reparado?

A Bíblia nos conta, no livro do Gênesis, que o primeiro assassinato aconteceu entre irmãos, o irmão mais velho matou um irmão mais novo. O nome do assassino é Caim, e o nome da vítima é Abel.

Deus, que já havia advertido Caim de que a inveja que ele estava desenvolvendo em relação ao irmão poderia levá-lo ao crime, veio perguntar-lhe sobre o que ele fez, tão logo o desfecho de seu ato gerou um clamor por todos os tempos: o sangue de Abel clamava por justiça.

Caim não tinha resposta, porque não há o que dizer diante de um crime. Deus, então decretou seu banimento da humanidade, por onde quer andasse, todos saberiam que ele se tornara indigno entre as criaturas de Deus.

Milênios depois, a carta aos Hebreus, no Novo Testamento, ainda falava do clamor do sangue de Abel, agora, somado ao sangue do próprio Cristo. Por isso, a pergunta se mantém: pode um crime, de fato, ser reparado?

E um crime perpetrado contra gerações de um povo, por 350 anos?

É disso que falamos, quando discutimos a escravidão dos africanos pelos brasileiros, começando com os portugueses, antigos dominadores das terras chamadas, por estes, de brasileiras.

A exploração do trabalho africano pelos brasileiros, de então, é a causa da riqueza adquirida pelos brasileiros que, nos tempos do império, fez o Brasil se apresentar como uma das potências das Américas, a ponto de fazer do Imperador brasileiro, um político admirado além das fronteiras nacionais.

Quando então, o Imperador, pressionado pelos interesses britânicos, não tinha mais como sustentar uma economia escravagista, portanto – incompatível com a revolução industrial que já se anunciava – forja as condições para que a sua filha proclamasse, da pior forma possível, a mais injusta das abolições.

Começa, assim, o segundo ciclo do sofrimento dos afrodescendentes: o banimento para a pobreza, para a condição de sub-raça, condenado a sub-moradia, à indigência e a negação ao acesso aos elementos, mínimos necessários, para o progresso pessoal e social. Portanto, a negação ao direito universal do ser humano.

Há um crime irreparável, cometido pelos brasileiros de então, cujo sangue das vítimas clama aos céus por justiça. E se os descendentes dos escravocratas não fizeram movimentos na direção da reparação pairará sobre estes o mesmo clamor que pairava sobre aqueles. Com a agravante de que, os negros, hoje, são apenas brasileiros em busca dos direitos que lhes tem sido negados por causa de sua origem, e que exigem a reparação necessária para que a sua cidadania brasileira seja plena.

É nessa lógica que se inserem as cotas, as políticas afirmativas. O texto do Pr. Marco Davi não deixa dúvidas sobre isso.

Ariovaldo Ramos
Pastor, escritor e presidente
da Visão Mundial Brasil,

INTRODUÇÃO

Queremos refletir aqui sobre um assunto que no Brasil tem sido motivo de muitas discussões. As políticas públicas são necessidades importantes para dirimir a diferença entre pobres e ricos no país. Mas, quando se trata de políticas específicas para a população negra a questão se torna ainda mais acirrada nas discussões.

As políticas de ações afirmativas, também chamadas políticas de discriminação positiva, são assuntos correntes na academia intelectual e também no Movimento Negro brasileiro. Infelizmente, elas não têm sido aprovadas por grande parte da sociedade brasileira, mas há alguns anos tem estado nos debates de várias camadas sociais. As políticas de ações afirmativas já foram aprovadas pelo governo federal sendo já sancionadas pela presidenta Dilma Rousseff abrangendo as cotas raciais e sociais nos vários setores, como universidades federais. Um exemplo disto ocorreu no mês de outubro de 2012¹. Entretanto, outras áreas foram contempladas pelo governo federal como as cotas para negros nos concursos públicos federais².

É bem verdade que as ações afirmativas têm, exclusivamente, um ponto mais incomodativo que são as cotas nas universidades. Mesmo não sendo a única política afirmativa como já sinalizamos acima.

Durante as várias discussões sobre o tema notamos a necessidade de definições e de esclarecimento, pois muitos têm discutido

o assunto sem um conhecimento mais abrangente. Isso acontece em todas as instâncias de nossa sociedade devido a distância de setores envolvidos, ora no desejo de que haja a implementação das políticas de ações afirmativas em todo o Brasil, ora no desejo de que estas políticas não deem certo. Mas, o fato é que muitos não sabem o que são as políticas de ações afirmativas e a maioria nem sequer tem conhecimento de que estas questões são tão importantes, principalmente, para a população negra, no caso das políticas especificamente raciais.

O que dizer então das políticas de ações afirmativas como assunto entre os evangélicos?

No Brasil, as políticas afirmativas não são nenhuma novidade, mas em se tratando de políticas que visem reparação por sofrimentos sofridos por causa de racismo, o país ainda precisa dar uma resposta à população de maneira convincente e prática.

O que dizer da igreja evangélica brasileira? A igreja evangélica brasileira em sua maioria está muito distante das questões relacionadas à promoção de justiça visando igualdade racial no Brasil. Por isto, muitos membros das igrejas não têm nenhum conhecimento sobre as políticas de ações afirmativas. Muitos falam contra as cotas sem terem compreensão do que elas significam na verdade. São levados, não por argumentos sólidos mesmo que contrários, mas por tudo que recebem da mídia ou do que ouvem. Até se manifestam contrários por medo de que haja um acirramento entre negros e brancos, o que seria contrário ao evangelho crido e pregado. Ainda faltam muitas informações que possibilitem maior esclarecimento entre os evangélicos quanto às políticas de ações afirmativas.

Este texto é uma simples tentativa de trazer à luz informações esclarecedoras para que a população seja mais consciente quando abordada sobre as ações afirmativas. Uma abordagem que visa dar ao seguimento evangélico do Brasil uma maior base para discussão.

Quero ressaltar que, não sendo biblista, não pretendo trazer uma reflexão acadêmica. Por isso peço, desde já, licença aos

estudiosos da bíblia e afirmo que as análises feitas neste espaço serão exclusivamente pastorais e não tenho objetivo de rebuscar as interpretações com exegeses profundas que me fariam cometer erros desrespeitosos aos pesquisadores que debruçam nesta tão importante área.

A bíblia tem sido usada, muitas vezes, como instrumento de manutenção do *status quo* que favorece, infelizmente, a quem detém poder ou vantagens. Através da bíblia muitos líderes têm dominado povos, famílias e comunidades. E ela foi usada como instrumento de colonização e opressão. Como critica Frosotti:

A bíblia é uma ferida porque não foi neutra. No período colonial, foi chamada como testemunha de que Deus estava do lado do Rei, do Senhor de escravos, do rico, do bispo, do branco, do homem. Uma ferida, e uma ferida mortal que procurou matar a liberdade, a dignidade, a fé e a identidade do povo negro. Aos olhos do homem e da mulher negra a bíblia foi o ferro em brasa, a mordaca, as algemas que os mantinham presos no 'doce inferno', como era chamado o engenho de açúcar³.

Às vezes, por falta de um conhecimento claro dos instrumentos exegéticos e hermenêuticos, mas também, e isso tem sido uma constância, por maldade e vontade de enriquecimento individual e familiar, muitos religiosos fazem da bíblia uma arma de engano, manipulação e injustiça.

Portanto, o tema que propomos, *a priori*, é um grande desafio, pois é desconfortante para muitos que são contra políticas que visem igualar a situação social entre brancos e negros brasileiros.

Todavia, a bíblia tem sido usada também para refletir as demandas sociais na tentativa de dar respostas aos sofrimentos experimentados pelo povo. Vemos na Teologia da Libertação e na Teologia da Missão Integral tentativas de fazer das Sagradas Escrituras uma fonte de libertação e reflexão social que dê à sociedade mais abrangência sobre os caminhos que Deus tem para aqueles

que são oprimidos e excluídos. Os negros, nas comunidades cristãs espalhadas pelo Brasil e por toda a América, ressignificaram a leitura da bíblia e sua interpretação.

percebemos que nosso povo fez suas interpretações da bíblia, construiu sua hermenêutica. Descobriu chaves de leitura que lhe permitiram tomar em suas mãos a palavra de Deus tão manipulada e anunciada pelo colonizador-evangelizador como justificação e legitimação do sistema escravista, da exploração e dos sofrimentos a que era submetido. Soube transformá-la em palavra de consolo, resistência na dor, não simplesmente alienação e libertação. Houve uma interpretação bíblica que lhe permitiu experimentar uma fé não marcada por um dualismo excludente em relação à fé do outro ou a distintos aspectos de sua própria fé. [...] há uma forma particular de 'ler', de entender a bíblia que possibilita esta experiência religiosa, ou seja, que possibilita este gozar da criatividade e diversidade nas formas de expressão, de manifestação de Deus⁴.

Nesta proposta, queremos olhar para a bíblia como a fonte primária para as políticas de ações afirmativas. Pois, nela temos as respostas para as ações de Deus na história do povo oprimido. E o povo oprimido é o seu povo. O povo negro é o povo de Deus. Os pobres, escravizados, marginalizados, violentados, torturados são o povo de Deus. O povo que Deus se identifica e se compadece. Quando lemos a bíblia diligentemente notamos claramente a opção de Deus por aqueles que estão sendo oprimidos, seja individual, coletiva, econômica ou socialmente. Um exemplo disso está no livro de Êxodo capítulo 1: 1-14 e o capítulo 3: 7-8a. Vejamos: ...os filhos de Israel frutificaram e aumentaram muito e se tornaram sobremaneira fortes, de modo que a terra se encheu deles. Então subiu ao trono do Egito um novo rei... Disse ele ao seu povo: Vejam! O povo israelita é agora numeroso e mais forte

que nós. Temos que agir com astúcia, para que não se tornem ainda mais numerosos e, no caso de guerra, aliem-se aos nossos inimigos, lutem contra nós e fujam do país. Estabeleceram, pois, sobre eles chefes de trabalhos forçados, para os oprimir com tarefas pesadas. Todavia, quanto mais eram oprimidos, mais numerosos se tornavam e mais se espalhavam. Por isso os egípcios passaram a temer os israelitas, e os sujeitaram a cruel escravidão. Tornaram-lhes a vida amarga, impondo-lhes a árdua tarefa de preparar o barro e fazer tijolos, e executar todo o tipo de trabalho agrícola; em tudo os egípcios os sujeitavam a cruel escravidão. [...] Disse o Senhor: De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso desci para livrá-los... e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel...

O texto nos diz que Deus não é um Deus apático ao sofrimento do seu povo. Deus é um Deus que intervém na história. Algumas podemos aprender aqui. Primeiro, Deus vê o sofrimento do povo oprimido. O verso diz: “*De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo*”. Creio num Deus que vê e se importa com o sofrimento de um povo. É por isto que posso ver e ter esperança de ver, ainda mais, muitas mudanças no Brasil. Quero ver e verei igualdade racial e social nesta nação e, porque não dizer, as políticas de ações afirmativas na oportunidade de trabalho, na cultura, nas universidades, nos setores de produção, no processo político brasileiro.

Segunda lição que podemos aprender, é que Deus ouve o clamor do povo oprimido. Outra parte do que lemos diz: “*tenho escutado o seu clamor*”. Sim, Deus não só vê, mas também escuta a voz de quem sofre. Deus ouviu o clamor de dor dos negros e negras escravizados no Brasil, nas Américas e África e continua a ouvir o grito dos oprimidos. O grito dos oprimidos causa náuseas em Deus. Ele se incomoda com o clamor do sangue de quem sofre a violência, de quem experimenta a dor do descaso econômico, cultural e social.

E em terceiro lugar, Deus sente a dor, o sofrimento de quem está sendo oprimido. Fico a imaginar os sentimentos de Deus ao ver os negros sofrendo no Brasil ontem e hoje. Talvez ele diga a mesma coisa ainda hoje: “sei quanto eles estão sofrendo”. Imagine a dor que Deus sentiu quando via os negros sendo tirados das suas terras sem terem possibilidade de escolha. Como Ele amargou de sentir a dor quando as pessoas eram violentadas, maltratadas, ultrajadas covardemente pelos senhores de engenhos ou por outros negros que cumpriam ordens. Quanta dor sentiu Deus ao perceber o Estado brasileiro legitimando através de leis os acoites, as chibatadas, os afogamentos, os calabouços, as correntes. Quanta dor! Deus sente a dor dos oprimidos ainda hoje quando olha a maneira como negros e negras são tratados no mercado de trabalho, quando mulheres negras são violentadas em suas dignidades no sistema de saúde que as trata de maneira diferente. Deus sente a dor dos oprimidos quando percebe a população negra com muito mais dificuldades de ter acesso às universidades. Sente dor quando nota a violência contra a juventude negra no Brasil. Geme de dor quando sente o que sentem as crianças no interior desta nação ainda sem escola, sem registro de nascimento, sem esperança de vida e sem futuro. Deus sente dor. Muita dor... A dor dos oprimidos.

O interessante é que Deus se compadece e desce na história para livrar os oprimidos. O texto mostra que Deus desce para livrar e levar para um lugar de esperança. “*Por isso desci para livrá-los... e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel*”. Sim. Deus não é apático e nem distante das dores que Ele mesmo sente. Deus vem na direção de quem sofre e age em seu favor. Hoje mesmo, diante das lutas que ainda continuam contra nós, temos um advogado que milita por nós. Que desceu deixando a Sua glória e seu poder para nos alcançar e livrar. Por causa dos oprimidos Deus se encarna e se faz homem, negro como os negros, pobre como os pobres, para trazer libertação e nos levar para um lugar de esperança. Aprendemos a resistir, agora experimentaremos a esperança. Essa esperança nunca acabará

até vermos igualdade racial no Brasil. Até experimentarmos a terra que mana leite e mel. Esse processo que está sendo iniciado através das políticas de ações afirmativas promovendo igualdade tem na bíblia sua aprovação. Podemos ver na Palavra de Deus que políticas de ações afirmativas são coisas de Deus porque a Ele a justiça agrada.

Espero que o leitor ao ler este texto compreenda isto e se motive a não aceitar as propostas que o mundo da desigualdade oferece. Que o leitor possa, sendo de qualquer credo, entender que as políticas de ações afirmativas são a maneira divina de reparar as atrocidades acontecidas no Brasil. A implementação de políticas públicas voltadas à população negra no Brasil tirará o juízo de Deus sobre nossa nação e trará o perdão do Criador sobre nós, povo brasileiro.

Logo, estas reflexões não têm a pretensão de encerrar o assunto, mas de trazer às mentes de cristãos ou não, e algumas bases oriundas da bíblia sobre as políticas públicas que beneficiarão os que foram espoliados por meio de uma estrutura opressora.

Tentaremos esclarecer alguns pontos que ajudarão na compreensão da necessidade de equiparação econômica e de oportunidades que virão somente através de um corte na estrutura deste sistema que está ainda baseado nas estruturas vigentes no passado que tinha o conceito de raça como pêndulo e que deixou a população negra distante dos setores de decisão e da participação nas instâncias econômica, sociais e culturais. Tudo isso à luz da bíblia que norteia a nossa caminhada cristã.